

O IMAGINÁRIO NA HISTÓRIA: ATLÂNTIDA UM ENIGMA?

Josefa Vênus de Amorim

Universidade Federal da Paraíba –UFPB

sconv@hs24.com.br

Lúcia de Fátima Souto Pinho

Universidade Federal da Paraíba –UFPB

luciasouto@yahoo.com.br

Atlântida: a eterna busca

A História antiga da humanidade em grande parte se constitui um enigma, as pessoas que a escreveram e dataram certos eventos dados como corretos, podemos perceber com as pesquisas atuais que houve um equívoco nos escritos, por exemplo, no que dizem respeito à esfinge. Atualmente estudos provam que ela data de 12.000 a.C. a 10.500 a.C., enquanto que a divulgação anterior data de apenas de 4.000 a.C. Atlântida, o continente perdido é até hoje um fascínio para historiadores e arqueólogos, que não descansam na busca por descobrir vestígios dessa civilização.

Alguns estudos afirmam que dos últimos Atlantis surgiram nas civilizações: Egípcia, no norte da África, os Maias no México, os Celtas na Bretanha, e os Gregos no Sul da Europa, possíveis rotas dos sobreviventes. Por isso que Atlântida é um enigma da história mundial, e também um dos maiores tesouros nunca encontrado. O Maravilhoso continente ou cidade de Atlântida. Um dos maiores enigmas de toda a terra, que continua no imaginário humano, no inconsciente coletivo, uma civilização muito antiga que teria sido a gênese da nossa, ensinando povos antigos e por fim ruindo. Durand afirma que,

É o imenso universo do imaginário onde se submetem as imagens, símbolos, idéias, representações, e depois sintaxes, topologias, retóricas e lógicas de todos os tipos. O imaginário é o

reservatório concreto da representação humana em geral, onde se vem inscrever o trajecto reversível que, do social ao biológico e vice-versa, informa a consciência global, a consciência humana. (DURAND, 1996 P.65).

Esfinge e pirâmides, stonehenge e Zigurates, construções erigidas por outra sociedade. Uma outra indagação que deve ser feita diz respeito à distribuição de pirâmides no mundo. Elas são encontradas não somente no Egito, mas também na China e na América Central, mostrando a interligação dessas culturas no passado. O que interliga todas essas civilizações antigas? A única resposta que melhor responde a essas perguntas, e outras a respeito do mundo antigo, é a existência da Atlântida.

Alguns acreditam que as religiões e culturas surgiram em Atlântida. Acreditar ou não acreditar? Teria Atlântida desaparecido num dilúvio? Todas as sociedades ruíram e ruirão. Será a nossa a próxima? Cataclismos e eventos naturais acontecendo.

Atlântida 100.000 a.C. a 50.000 a.C.

Sobre a Atlântida antes da primeira destruição (antes de 50.000 a.C.) pouco se sabe. Diz-se haver sido colonizada pelos lemúrios que haviam fugido do continente onde habitavam, também submetida a cataclismos imensos, quando então se estabeleceram correntes migratórias fugitivas das destruições que ocorriam na Lemúria, algumas delas dirigiram-se para o Sul Atlântida. Estes primeiros Atlantes julgavam a si pelo caráter e não pelo que tinham e viviam em harmonia com a natureza.

Em 52.000 a.C. os Atlantes começaram a sofrer com ataques de animais ferozes, o que os fizeram aumentar seus conhecimentos em armas, motivando um avanço tecnológico na Atlântida. Novos métodos de agricultura foram implementados, a educação expandiu, e conseqüentemente bens materiais começaram a assumir um grande valor na vida das pessoas, que começaram a ficar cada vez mais materialistas e conseqüentemente os valores psíquicos e espirituais foram decaindo.

Atlântida 48.000 a.C. a 28.000 a.C.

Os atlantes que estabeleceram uma nova civilização na Atlântida começaram de forma muito parecida com o início da colonização que os Lemurios fizeram na Atlântida. Eles se voltaram a trabalhar com a natureza e nisso passaram milhares de anos, mas com o avanço científico e tecnológico também começaram a ficar cada vez mais agressivos, materialistas e decadentes. Os tecnocratas viviam interessados em bens materiais e desrespeitando a religião. Em 28.000 a.C. com a mudança do eixo da Terra, os vulcões novamente entraram em grande atividade acabando por acarretar o fim da segunda civilização atlante. Com isso novamente os atlantes fugiram para as Antilhas, Yucatã, e para a América do Sul.

Atlântida 28.000a.C. a 12.500 a.C.

Esta foi à civilização atlante descrita por Platão. Mais uma vez tudo se repetiu, os que ficaram recomeçaram novamente, recriando as cidades que haviam sido destruídas, mas inicialmente não tentando cometer os mesmos erros da florescente civilização passada. Eles unificaram a ciência com o desenvolvimento espiritual a fim de haver um melhor controle sobre o desenvolvimento social.

Começaram a trabalhar com as Forças da Natureza, tinham conhecimento das hoje chamadas linhas de Hartman e linhas Ley, que cruzam toda a Terra, algo que posteriormente veio a ser muito utilizado pelos celtas que construíram os menires e outras edificações em pedra. Vale salientar que eles acabaram por possuir um alto conhecimento sobre a ciência dos cristais, que usavam para múltiplos fins, mas basicamente como grandes potencializadores energéticos, e fonte de registro de informações, devido a grande potência que o cristal tem de gravar as coisas.

Foram encontradas, na década de 60, ruínas de uma civilização no fundo do mar perto dos Açores, onde foram encontrados vestígios de colunas gregas e até mesmo um barco fenício. Atualmente foram encontradas ruínas de uma civilização que também afundou perto da China.

Paraíso perdido

Milhares de anos após supostamente submergido nas profundezas frias e escuras do oceano atlântico, o continente insular da Atlântida continua sendo um dos mistérios mais intrigantes da história. Se realmente existiu, a Atlântida foi uma civilização incomparável. No entanto, seus cronistas dizem que ela desapareceu em pouco mais de um dia, sem deixar vestígios.

O relato mais antigo e completo da ascensão e queda da grande ilha foi feito pelo filósofo grego Platão, no século IV a.C. segundo ele, a Atlântida foi uma terra onde hábeis agricultores cultivavam pomares que exalavam doces aromas e onde havia animais em abundância, inclusive “um enorme rebanho de elefantes”. O esplendor das numerosas mansões só era superado pelo do palácio real e do templo em homenagem a Posêidon. Na capital. Todavia, nem o ouro nem a glória protegeram os habitantes de Atlântida deles próprios.

A Atlântida costuma ser associada a outros locais misteriosos, como as pirâmides do Egito e os monólitos de pedra da Stonehenge. No entanto, ao contrário desses imponentes monumentos, a terra retratada por Platão é intangível como as lembranças e os sonhos. Muitos, contudo, acreditam que a riqueza em ouro, prata e cobre do reino submergido repousa no fundo do oceano à espera de um descobridor e que talvez algum dia um ousado aventureiro traga à luz as fabulosas tabuletas douradas da Atlântida, gravadas com as leis do paraíso terreno.

Uma cidade de insuperável esplendor

A maior das diversas maravilhas da Atlântida de Platão era o enorme complexo arquitetônico do palácio real. Erguido em uma colina no centro da capital e rodeado por três canais, os edifícios que constituíam a residência real estavam voltadas para uma praça onde se erguia o templo de Posêidon. O conjunto foi erigido por Atlas, filho mais velho de Posêidon e primeiro soberano de Atlântida. Mas os sucessores de Atlas não se contentavam com a magnificência da sede de seu poder. “Ao recebê-lo de seu antecessor, cada rei”, escreveu Platão, “acrescentou-lhe ornamento e fez tudo o que podia para superar o rei anterior, até que por fim eles o transformaram numa residência maravilhosa de se contemplar pela magnitude e beleza de sua construção”.

“A riqueza que possuíam”, escreveu Platão a respeito dos monarcas atlantes, “era tão imensa que jamais havia sido vista em qualquer palácio real nem será facilmente visto de novo.”

O Saber além dos limites mortais

O centro espiritual de Atlântida era o templo de Posêidon, um grandioso edifício localizado no complexo arquitetônico real. Ali se reuniam os governadores do continente para elaborar as leis atlantes e administrar seu cumprimento.

O templo era um deslumbrante exemplo da habilidade dos atlantes para trabalhar com metais. Circundada por uma muralha de ouro, a parte externa do edifício era, segundo Platão, “revestida de prata, com exceção dos pináculos, cobertos de ouro. Quanto ao interior, eles fizeram o teto em marfim (...) matizado de ouro e prata e oricalco [cobre], e todo o restante das paredes e colunas e pisos, eles revestiram de oricalco”. Uma imensa estátua dourada de Posêidon, em um carro puxado por seis cavalos alados, dominava o pátio central do templo; e vislumbravam-se estátuas de ninfas do mar na sombra de cada nicho. Segundo Campbell,

Essas informações provenientes de tempos antigos têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, construíram civilizações e formaram religiões através dos séculos, e têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da nossa travessia pela vida. (CAMPBELL 1986, p. 24).

O principal soberano de Atlântida e seus nove irmãos, príncipes das outras nove províncias, reuniam-se a cada cinco ou seis anos nesse majestoso aposento. Após sacrificarem um touro e oferecê-lo aos deuses, os governantes, vestidos de túnicas escuras, juntavam-se em torno das brasas que se extinguíam e proferiam julgamentos, gravando-os em tabuleta de ouro. Sabiamente governado, o povo da Atlântida vivia em harmonia. “Por muitas gerações”, escreveu Platão, “seus corações foram verdadeiros e nobres, e eles eram a própria expressão da gentileza associada à sabedoria.”

O Terrível ajuste final

No auge de sua glória 9.200 anos antes do nascimento de Platão, o império de Atlântida estendia-se sobre a maior parte do Mediterrâneo. “Então mais do que nunca”, afirmou Platão “Eles pareciam superlativamente belos e abençoados”. No entanto, continuou, os atlantes estavam “tomados por um poder e uma ambição ilegítimos”.

O fausto ilimitado não havia sido gratuito. Os atlantes não mais colocavam a bondade acima das riquezas materiais. “A porção divina que havia neles agora tornara tênue e débil, porque vinha se mesclando demais e uma grande medida de mortalidade”, continuou Platão. Os atlantes “incapazes de suportar o fardo de suas riquezas” haviam perdido sua virtude. E agora reuniam os exércitos para conquistar Atenas e as regiões a leste.

Mas Zeus, o senhor dos deuses, desferiu por sua conta um golpe terrível – uma punição inconcebivelmente letal. “Ocorreram impressionantes terremotos e inundações”, escreveu Platão, “e sobrevieram um dia e uma noite horríveis, quando (...) a ilha de Atlântida (...) foi tragada pelo mar e desapareceu”. Platão não acredita que se encontrassem algum dia sinais da terra perdida. “Naquele local, o oceano tornou-se agora intransponível e insondável.”

O primeiro relato que se conhece sobre a Atlântida foi escrito pelo grande pensador grego Platão, que viveu de aproximadamente 428 a 348 a.C. discípulo do filósofo Sócrates, Platão estabeleceu sua própria escola de filosofia nos jardins de Academo, em Atenas. Divulgou suas idéias sob a forma de diálogos – curtas peças cujo principal protagonista era antigo mestre, Sócrates: em A República, Sócrates e seus interlocutores conversam sobre o que consideram uma filosofia de governo ideal, um benevolente despotismo de reis-filósofos.

Aparentemente, Platão tentou, sem êxito, convencer o soberano de Siracusa – na atual Sicília – a adotar sua política. Depois, no final da vida, compôs dois outros diálogos que retomavam a argumentação no ponto em que terminara a República. É nestas duas obras, Timeu e Crítias, escritas por volta de 335 a.C., quando Platão já completava 70 anos, que apareceu a mais antiga descrição do continente perdido.

Timeu um dos personagens originais de A República era astrônomo; a maior parte de diálogo que recebeu seu nome trata do mundo natural e de suas origens. O diálogo é escrito como se tivesse ocorrido no dia seguinte à conversa registrada em A República; antes de Timeu discorrer sobre as ciências naturais, outro personagem, o historiador Crítias, comenta que sabe de um lugar onde a filosofia de governo fora exatamente àquela proposta em A República. A história desse local privilegiado, explica Crítias, havia sido transmitida a ele oralmente por parentes e também por algumas puçás notas rabiscadas pelo estadista grego Sólon, que ouvira um século e meio antes, de um sacerdote egípcio.

De acordo com os egípcios, o lugar que se equiparava aos ideais de A República era Atenas, mas uma Atenas de uma época muito anterior – cerca de 9 mil anos antes. Lá, a deusa da sabedoria, Atena, havia fundado uma cidade que produziria “homens da sabedoria mais elevada” e, como se revelou, da maior coragem. Pois, além das colunas de Hércules (o atual estreito de Gilbralta), havia uma ameaçadora ilha, maior do que a África do Norte e a Ásia Menor juntas – ou seja, um continente de extensão equivalente à maior parte do mundo conhecido à época de Platão.

Nesse continente-ilha, surgira “uma grande e extraordinária potência”. Era a Atlântida, um império que ampliara sua influência pelo Mediterrâneo adentro, até a Itália central e o Egito. Na verdade, os atlantes estavam “arrogantemente” procurando dominar o mundo todo. Todavia, os guerreiros de Atenas derrotaram os exércitos atlantes em uma grande batalha, e os líderes da cidade grega libertaram toda a região a leste das Colunas de Hércules. Mas na seqüência dessa gloriosa vitória ocorreram violentos terremotos e inundações que destruíram Atenas e provocaram o afundamento de todo o continente atlante, tudo em apenas um dia e uma noite.

Do Mito á realidade

Por muito tempo acreditou que a história da glória e da destruição de Tróia, com suas altas muralhas, não passasse de um mito. As epopéias que descrevem a cidade, a Ilíada e a Odisséia de Homero a 700 a.C. embora os gregos antigos lessem o grande poeta como história, os eruditos posteriores viam nele apenas literatura. Para Eliade,

Reviver esse tempo reintegra-lo o mais freqüentemente possível, assistir de novo ao espetáculo das obras divinas, encontrar os seres sobrenaturais e voltar a aprender a sua lição criadora é o desejo que podemos ler claramente em todas as repetições rituais dos mitos. (ELIADE, 1989 p. 24).

Como a Heinrich Schliemann, um milionário, arqueólogo diletante e sonhador do século XIX, provar que os eruditos estavam errados. Obstinado e romântico, o negociante alemão tinha certeza que Homero contara a verdade sobre Tróia. No final da década de 1860, Schliemann convenceu-se de que a aldeia turca de Hissarlik, com suas colinas semelhantes a fortins, lembrava a cidade descrita na Ilíada. Em 1871 deu início às navegações.

Logo descobriu que realmente havia uma cidade sob as “fortalezas” de Hissarlik. Na verdade, vários estágios de uma antiga cidade estavam enterrados em camadas superpostas. E uma dessas camadas queimava por fogo, parecia-se muito com a Tróia de Homero.

A escavação atingiu seu clímax em uma manhã de verão de 1873, quando Schliemann encontrou colares, brincos, pratos e outros objetos de ouro. Ele colocaria a peça mais espetacular, um diadema de ouro, na testa de sua mulher grega. Sofia, chamando-a de “minha Helena”.

A descoberta fez de Schliemann um homem famoso. Depois, outros arqueólogos confirmaram que a cidade por ele desenterrada era muito provavelmente Tróia, porem uma Tróia que passara por drásticas mudanças ao longo dos séculos. E a transformação de um mito em realidade, feita por um negociante alemão, continua a manter viva a esperança dos que procuram a Atlântida.

Visão perene

A Atlântida só aparece de vez em quando de forma explícita; como dizia Donnelly, considera-se inevitável à existência anterior de uma civilização universal. Se

tomarmos em conjunto todos os pontos que expusemos, devemos deduzir que deve ter sido real. Existe a possibilidade de que uma cultura antiga, sem características definidas na atualidade, estendesse a sua influência através das diversas civilizações da história, razão insuficiente, no entanto, para afirmar a existência da Atlântida. Nesse caso, a Atlântida seria simplesmente um lugar fascinante, um lugar venerado pelo tempo.

John Michell mantém a opinião, repetida até a saciedade nas fantasias sobre a Atlântida, de que a glória perdida não está realmente perdida, ou pelo menos não totalmente. Para ele constitui um conjunto da Antiga Sabedoria que pode ser recuperada decifrando as mensagens das obras da Antiguidade. Colin Amery segue a mesma linha ao considerar o descobrimento do salão de arquivos no Egito, e Randall-Stevens prediz o ressurgimento da Atlântida.

Retornando a Blavatski, a sua lógica se assemelha à de John Michell. De acordo com ela, a Antiga Sabedoria estava oculta por mitos e símbolos que só entendiam os iniciados, e se conservava graças aos Mestres e outros seres iluminados. Embora a Atlântida não fosse a sua moradia, manifestava os poderes que possuíam. Como já dissemos anteriormente, embora Blavatski reconhecesse a importância de Shambala, centro da sabedoria situado na Ásia, e a relacionasse com a Atlântida, não se aprofundava na teoria de Jean Sylvain Bailly, que estabelecia uma relação entre a sua Atlântida, situada em um remoto norte, e seus astrônomos da Tartária, com um esquema mais amplo das origens da civilização. Segundo Ashe,

Acreditava na existência de uma cultura antiga que floresceu na região altaica, na Ásia Central, aproximadamente onde a tradição dos lamas situa Shambala... da qual não sabia nada. Na atualidade existem razões de peso para suspeitar da existência de um centro nesta parte do mundo, que exerceu um influxo importante sobre a história real e cuja anterior grandeza está refletida no mito de Shambala. Pelo menos no caso de Bailly, as especulações sobre o tema poderiam ter indicado uma semi-Atlântida, menos espetacular que a do oceano, mas não por isso insignificante. (ASHE, 1996 p. 30).

Sejam quais forem as possibilidades das Antilhas e de Shambala, a Atlântida imaginada nos tempos modernos reflete o desejo de atar cordas, de revelar mistérios, de cobrir o que se considera uma lacuna histórica que cotem a chave decifrar o código, um algo prodigioso que deveria ter existido. Quem sabe? Talvez seja certo, talvez existisse um algo que acabará saindo à luz. Platão plantou uma semente sem que o propusesse: despertou a imaginação das pessoas, que começaram a pensar seguindo umas diretrizes que talvez sejam frutíferas algum dia.

REFERÊNCIAS:

ASHE, Geoffrey. **Mitos, deuses, mistérios – A Atlântida**. Rio de Janeiro. Chinaglia distribuidora S/A . 1996.

CAMPBELL, Joseph, **A Poder do Mito**, Editora Palas Athena, São Paulo, 1986.

Enciclopédia – **Mistérios do desconhecido – lugares místicos – Atlântida: a eterna busca**. Rio de Janeiro, abril livros. Editores de time-life livros, 1991.

FERRONE, Marcelo. http://www.miniweb.com.br/Geografia/Artigos/vulcoes/atlantida_1.html em: 14/11/2009.

DURAND, Gilberto, **Campos do Imaginário**, Instituto Piaget, Lisboa, 1996.

MIRCEA, Eliade. **Origens**, Edições 70 – Rio de Janeiro, 1989

VCD: **The Flood – a quest for Atlantis, da série mitos da humanidade: dilúvio**. Produzida pela Microservice Tecnologia Digital da Amazônia.